

RĀMA GITA

(A canção de Rama)¹

Traduzido do original por Swami Vijnanananda²

PREFÁCIO

A filosofia ensinada na Vedanta tem sido a fonte de consolo para mentes como Shankaracharya, e o intelecto humano não foi capaz de conceber algo mais nobre ou sublime na história do mundo. Rāma-Gita justamente encabeça a série Védica por incorporar de forma mais popular a essência de toda a filosofia Vedanta dentro de um breve compasso.

A Vedanta ensina a filosofia da unidade absoluta. Por unidade entende-se a unicidade do sujeito, toda a experiência de existência objetiva sendo considerada como nele e dele. Experiência implica consciência, e consciência, apercepção ou 'razão pura' é o único fator confiável, Autoiluminado, absoluto do nosso conhecimento. Todo o resto é mera representação dentro e através do modo desta consciência. O mundo do ser não é nada, considerado separado da consciência que, por sua vez é inteiramente independente da experiência. Ela não pode de qualquer maneira ser negada, pois a própria negação implica em sua existência. Este é o reino do Absoluto, sempre existente, Brahman, uma abstração expressando apropriadamente a ideia de unidade na dualidade, sendo um termo expressivo do todo daquilo que não pode ser outro senão um composto de Pensamento e Ser.

Este Absoluto deve ser atingido mais cedo ou mais tarde. Como alcançar isto? Quando o senso de separação é eliminado, o Absoluto no indivíduo, e o microcosmo (*Vyasti*) é imediatamente entendido como o macrocosmo (*Samasti*). Dor e prazer, mal e bem, estão todos fundidos na unidade do Absoluto onde tudo é algo indescritível que é nem prazer nem dor, mas algo supremamente sublime e feliz, por assim dizer. Este processo

¹ Este texto foi traduzido a partir da publicação em inglês do *Advaita Ashrama, Mayavati* – Índia – Reprint June 1997.

² Swami Vijnanananda (1868-1938), um discípulo direto de Sri Ramakrishna, foi o Quarto Presidente da Ordem Ramakrishna. Sob sua direta supervisão, o Templo de Sri Ramakrishna, em Belur Math, foi construído e consagrado em 1938.

de eliminar a ideia de separatividade não é inércia, na medida em que a linguagem comum é entendida; e embora possa não ser aquela submissão cega à vontade de uma divindade antropomórfica, é certamente a mais alta atividade e energia possível em um plano superior. Isto não é negligência do dever nem renúncia do mundo tampouco; é mero esquecimento do eu e seus ambientes. Isto é *Moksha*. *Moksha* no sentido dualístico é algo a ser alcançado; no Vedanta já está alcançado, todo ser é um com o Absoluto, é, de fato o Absoluto; o que deve ser alcançado é a destruição do senso de separação, que sendo realizado, *Moksha* é facilmente realizado. Tais são os ensinamentos deste texto.

Muitos estudantes de filosofia indiana encantados pela ideia de *Moksha* ensinada por ela buscam alcançá-la por vários processos, físicos ou mentais, geralmente conhecidos como Yoga. Aqueles que o fazem sem estarem totalmente saturados com o espírito e substância da filosofia Vedanta meramente dão um salto no escuro e enfrentam certa morte, espiritual bem como física. O primeiro requisito é a devida familiaridade com os primeiros princípios da filosofia *Advaita* (*Shravana*); e amor total por eles (*Manana*). Então segue-se aquele estado sublime no qual o senso de separação está sendo lentamente esquecido. Mas mesmo aqui nada além da prática estrita das virtudes nobres e do altruísmo perfeito será necessariamente exigido do estudante.

Eu tentei uma tradução literal do *Rāma-Gita*. Onde uma mera tradução literal do Gita não provavelmente traria seu pleno significado ou deixa qualquer margem para dúvida quanto ao seu significado, eu os adicionei na forma de notas de rodapé³. O valor destas páginas para aqueles que buscam conhecimento é simplesmente incalculável. Eu não tenho tempo para entrar em um exame crítico da tradução, mas confio que é suficiente para dar a qualquer estudante cuidadoso uma ideia bastante clara do que ele mais urgentemente quer. Meus agradecimentos são devidos ao Sr. A. Mahadeva Sastri, B.A., pelo interesse especial que ele teve em revisar este volume. A publicação do volume atual é - para mim, um ato de amor, e ainda mais para o bem do público.

SWAMI VIJNANANANDA

³ Infelizmente algumas notas em caracteres *devanagari* não puderam ser incluídas aqui.

RĀMA GITA

Mahādeva disse:

1. Então Rāma, o melhor da raça Raghu, o redentor do mundo, após sua meritória carreira descrita no *Rāmāyana*, começou a viver uma vida como os sábios príncipes santos haviam feito antes.

2. Perguntado pelo inteligente Lakshmana, Rāma relatou as histórias morais muito antigas, e então aquela do licenciado Rei Nrga, que renasceu como um réptil pela maldição de um Brâmane.

3. Certa vez, quando o poderoso Rāma estava sozinho e Sita servia aos pés de seu senhor, Lakshmana, de sentimento puro, curvou-se diante dele reverentemente e falou suplicante.

4. Ó, sapientíssimo! Tu és incorpóreo e o Senhor supremo, tu és a sabedoria pura personificada, tu, o *Antāryāmin* (conheces as mentes de todos), tu és visível apenas para aqueles que amam teus pés de lótus, como uma abelha ama sugar o néctar e que têm teu conhecimento como seu objetivo.

5. Ó Senhor! Busco refúgio em teus pés de lótus, que libertam do cativeiro de *Samsāra*, e que são contemplados pelos Yogins; aqueles que praticam a concentração da mente. Ensina-me para que eu possa facilmente e rapidamente atravessar o oceano ilimitado da ignorância (*Avidyā*).

6. Tendo ouvido tudo o que Lakshmana disse, o melhor dos governantes, o puro de coração, o removedor de todas as misérias daqueles que buscam refúgio, a saber, Rāma, a fim de remover a escuridão de *Ajnāna* (ignorância), pregou o *Jnāna Yoga*⁴, exposto pelos Vedas.

⁴ O conhecimento sagrado derivado da meditação sobre as verdades superiores da religião e da filosofia, que ensina o homem a compreender sua própria natureza, e como ele pode ser reunido com o Espírito supremo.

7. O homem deve primeiro cumprir os deveres prescritos de sua casta⁵ (*Varna*) e Estágio⁶ [da vida] (*Ashrama*), e assim, tendo assegurado a pureza da mente, e se equipado bem com os meios necessários (*Sādhanas*⁷ para um objetivo superior), então se aproximar do Guru (mestre espiritual) para a obtenção do conhecimento divino (autoconhecimento).

8. Este nascimento é o resultado de ações prévias. O homem, influenciado pelos sentidos, busca prazer e dor e realiza ações boas e ruins respectivamente. Suas ações resultarão em renascimento; quando nasce, o homem age novamente. O mundo é conseqüentemente denominado de uma rotação.

9. *Avidyā* (nesciência) é a principal causa deste fenômeno. A filosofia Vedanta ordena sua remoção. Apenas o conhecimento do Ser destrói *Ajñāna*. A ação (*Karma*) não pode destruir *Ajñāna* porque a ação nasce da ignorância; portanto, o autoconhecimento deve naturalmente destruir *Ajñāna* completamente.

10. A ação nem destrói a ignorância nem diminui o apego; pelo contrário, ela germina ação má que novamente é incapaz de afastar *Samsāra* (mundanidade). O homem sábio⁸ deve, portanto, buscar o conhecimento divino.

11. *Pergunta: Karma* (ação) é ordenado nos Vedas como conhecimento divino, como o meio de salvação, e ambos são mencionados

⁵ Brāhmana, Ksatriya, Vaisya and Sudra.

⁶ Brahmacharya, Gārhaṣṭhya, Vanaprastha and Sannyāsa.

⁷ *Sādhanas* são quatro, a saber:

(1) *Viveka*: Discriminação entre o real e o irreal.

(2) *Vairāgya*: Indiferença aos prazeres deste mundo e do céu.

(3) a. *Sama*: Controle da mente.

b. *Dama*: Subjugação dos sentidos.

c. *Uparati*: Abstinência de todos os ritos religiosos formais, acompanhada da renúncia a todos os desejos.

d. *Titikṣā*: Paciência.

e. *Samādhāna*: Capacidade de fixar a mente em um único objeto por um longo tempo.

f. *Śraddhā*: Fé nos ensinamentos do Vedanta e do mestre.

(4) *Mumukṣutva*: Um anseio pela liberação.

⁸ Aquele que anela pela liberdade.

como deveres do homem; também a ação é relatada como o suporte do conhecimento.

12. Além disso, os Vedas afirmam que renunciar à ação é pecado e que o homem desejoso de atingir a perfeição deve, portanto, sempre agir.

Resposta: Não é assim. O conhecimento é verdadeiramente competente para realizar o objetivo independentemente.

13. *Pergunta:* Isto parece errado. Como o resultado do *Yajna* (sacrifício) é não-eterno, embora ele requeira várias cerimônias ritualísticas para sua execução, assim o conhecimento deveria requerer a ajuda de boas ações ordenadas nos Vedas para habilitá-lo a obter *Moksha* (Salvação).

14. *Resposta:* O que alguns debatedores argumentam como acima é distintamente inconsistente com a razão, porque a ação não pode ser realizada sem egoísmo, isto é dizer, a ação brota do apego ao corpo, enquanto que apenas pelo desapego *Brahma-vidyā*⁹ é obtida.

15. A *Brahmākāra-vritti*¹⁰ da mente que é o resultado da contemplação do Supremo, é chamada de conhecimento divino. A ação nasce da combinação de ritos ritualísticos, enquanto o conhecimento destrói a ação.

16. Conhecimento e ação sendo muito contrários em resultado não podem estar juntos; o sábio deve portanto renunciar inteiramente à ação, e sempre mantendo-se afastado dos objetos dos sentidos, deve contemplar o Ser.

17. Enquanto alguém acredita ser o corpo, etc. através de *Ajñāna*, ele deve realizar boas ações; mas quando os ensinamentos dos Vedas e a transitoriedade de todo o universo estão estabelecidos em sua mente, então ele chegou a conhecer o Ser. Depois disso ele deve renunciar à ação completamente.

⁹ Aquele conhecimento que leva a uma percepção intuitiva de Brahman, o Um, infinito, no tempo e no espaço.

¹⁰ O estado de estar absorvido em profunda meditação do Ser supremo.

18. Quando a luminosa Sabedoria divina, a removedora da diferenciação entre o Supremo e o Ser individual, ilumina a substância mental, então *Māyā* com suas partes componentes, que é a causa da transmigração, desaparece imediatamente.

19. Como pode a *Māyā* (ilusão) produzir um efeito uma vez destruída pelo Autoconhecimento exposto nos Vedas? Pois *Avidyā* uma vez aniquilada pela teologia pura e sem segundo, não nascerá novamente.

20. Se *Avidyā* não aparecerá novamente, como pode o entendimento 'Eu faço isto' aparecer? O conhecimento independente, portanto, não quer nenhuma ajuda, e é singularmente adotado para obter a perfeição.

21. O *Taittiriya Upanishad* claramente inculca que todas as bem-conhecidas ações *Sakāma*¹¹ devem ser renunciadas, e *Vajāsaneyin* (*Brihadaranyaka Upanishad*) além disso estabelece que o meio para atingir *Moksha* é o Autoconhecimento e não a ação.

22. Ó oponente. Colocaste o conhecimento e os rituais sacrificiais em um mesmo patamar; mas não deste exemplo algum em prova de tua alegação. O sacrifício é de vários tipos e produz resultados diversificados; mas o Autoconhecimento é totalmente contrário a ele.

23. 'Eu sou pecaminoso' é sentido por aquele que tem ideias corporais e não espirituais; mas não pelo filósofo que conhece a verdadeira natureza do *Ātman* (Ser) como sendo idêntica ao supremo Brahman. O erudito, embora apegado a ações, deve, portanto, cuidadosamente evitar todas as ações calculadas para saciar os desejos, mesmo que recomendadas pelos Vedas.

24. Com mente pura e verdadeira fé, tendo aprendido a identidade do Ser individual (Microcosmo) e do Ser universal (Macrocosmo) por meio do *Mahavakya* (ensinamento profundo) 'Isso és tu'

¹¹ Com um objeto em vista aos gozos de *Svargaloka* (Céu) descritos nos Vedas.

do misericordioso e gracioso Guru, ele se tornará firme como a montanha Meru¹² e ganhará felicidade.

25. Para conhecer o significado do *Mahavakya* é necessário a princípio descobrir o significado de cada palavra: *Tat'* significa o supremo Brahman, '*Tvam*' significa o Ser individual, e '*Asi*' significa és. Assim ambos são unidos como um pela a palavra '*Asi*'.

26. Virtudes opostas similares, como próximo e distante, do Ser individual e do supremo Brahman devem ser deixadas de lado; a espiritualidade de ambos deve ser tomada por meio de descrição precisa, e assim entender que '*Tu és o Ser*' sem dualidade.

27. Como o Ser supremo e o Ser individual são de uma mesma natureza, então *Tyagalaksana*¹³ consequentemente não se aplicará, e como algumas de suas qualidades são opostas entre si, *Ajahallakshana*¹⁴ será inapropriada; portanto *Bhagatyagalakshana*¹⁵ deve ser apropriadamente usado em seu caso.

28. O corpo material composto de cinco elementos, cada um subdividido em cinco partes, que é o resultado das ações do nascimento passado e é o meio de desfrutar prazer e dor, que nasce e que morre e que é criado por Māyā é o disfarce exterior do Ser.

29. Composto de cinco elementos que não são subdivididos, incluindo mente, intelecto, dez sentidos, cinco *Prānas* (força de atividade), o órgão de sentir prazer e dor, o corpo sutil é conhecido como *Linga Sharira* (Corpo Astral), o disfarce interno do Ser, dizem os sábios.

¹²Se diz nos *Sastras* que a montanha '*Meru*' suporta este fenômeno.

¹³*Jahati* ou *Tyagalaksana* é uma aplicação indireta de uma palavra na qual ela perde seu sentido primário, mas é usada em um que está de alguma forma conectado com o significado primário, ex.: "A aldeia no Ganges". O Ganges perde seu sentido primário e significa "à beira do Ganges".

¹⁴Em *Ajahallakshana*, o sentido primário ou original de uma palavra não desaparece.

¹⁵Em *Jahadajahallakshana* a palavra parcialmente perde e parcialmente retém seu significado primário, ex.: - Devadatta embora parecendo ser bastante diferente em forma do que ele era 10 anos atrás, permanece o mesmo indivíduo.

30. Novamente *Māyā* que, embora não-nascida e não-comentável, é a causa deste cosmos, e é o corpo principal e sutil do *Ātman*, já que o Ser individual parece ser distinto do Ser universal devido aos *Upādhis*. Portanto deve-se realizar sua identidade pelo estudo aprofundado¹⁶ do espiritualismo.

31. Como o cristal parece colorido quando colocado perto de um objeto colorido, assim o Ser parece tomar a forma das cinco bainhas¹⁷ [coberturas] nas quais está aparentemente envolto; mas se o assunto for plenamente considerado, Ele (*Ātman*) será claramente visto como imaculado, não-nascido e sem um segundo.

32. O estado triplo do intelecto de três qualidades, causado por sonho etc., também parece estar no Ser. Mas como eles são opostos uns aos outros, conseqüentemente são simplesmente falsas representações no Supremo, que é Absoluto, Bem-aventurança, Eterno e Onipresente.

33. Enquanto a função do intelecto sob o manto de *Avidyā*, trabalha incessantemente na combinação do corpo, dos sentidos, da respiração, da mente e do Ser, nesse tempo o mundo continua a existir.

34. De acordo com a *Sruti* 'não isto, não isto' tendo expulso o mundo e tudo de sua mente, provado o doce da verdadeira felicidade, deve-se renunciar ao mundo, assim como ele faz com uma fruta depois de ter sugado o suco adorável.

35. Nunca o Ser morrerá nem nascerá, nunca diminuirá nem aumentará. Ele é Bem-aventurança, livre de ilusão, Autoluminoso, Onipresente e Sem um Segundo.

¹⁶ *Śravaṇa, Manana and Nididhyāsana*.

¹⁷ a. O corpo material grosseiro (*Annamayakosha*)

b. O vestuário dos ares vitais (*Pranamayakosha*)

c. A bainha da mente (*Manomayakosha*)

d. A bainha da inteligência (*Vijnanamayakosha*)

e. O envoltório mais interno e bem-aventurado que guarda o Ser (*Anandamayakosha*)

36. Por que este mundo visível aparece cheio de sofrimento, se o Ser é consciência e Bem-aventurança em essência?

Resposta: Por falsa atribuição devido a *Ajñāna*; mas desaparece imediatamente assim que o conhecimento brilha. Porque *Jñāna* (Autoconhecimento) e *Ajñāna* (ignorância) não podem estar em um lugar juntos pois são opostos um ao outro. Quando a causa (*Ajñāna*) desaparece seu efeito (mundo visível) também desaparece.

37. Confundir uma coisa por outra é pronunciado *Adhyāsa* (suposição errada), dizem os sábios, como confundir uma corda etc¹⁸. por uma serpente. Similarmente o mundo está sendo confundido devido a *Avidyā* em Para-Brahman (Ser supremo).

38. No onisciente, todo-criador, Ser onipresente, livre da dor, vazio de ilusão, o sem segundo, afastado do visível, este egoísmo é a falsa atribuição que é primeiramente formada.

39. Todos os pares de qualidades opostas, tais como prazer e dor, bom e mau, desejo e indiferença que são fonte de transmigração, são virtualmente as características do intelecto; mas devido à suposição errada elas parecem aparecer no Ser. Se elas fossem os atributos do Ser, as qualidades nos apareceriam também durante *Sushupti* (sono profundo), onde as funções do intelecto não existem.

40. A Luz do Supremo, sombreada (refletida) no intelecto, que é nascida da *Māyā* sem início é chamada de Alma. O Ser supremo é uma testemunha do intelecto e é muito distinto dele assim como de suas qualidades, enquanto a alma é uma e a mesma que o Ser.

41. Como a alma, a sombra (reflexo) do Espírito supremo, e a mente acompanhada pelos sentidos vivem em um lugar, ambas parecem ter contraído as qualidades animadas e inanimadas uma da outra por falsa atribuição, como uma bola de ferro tornada incandescente no fogo.

¹⁸ Isto é, uma corda, uma guirlanda, um bastão, e outros objetos, quando vistos no escuro, não são serpentes na realidade, apenas parecem ser.

42. Aquele que adquiriu conhecimento do Ser aprendendo os Vedas e de seu Guru, tendo descrito o Ser imaculado em si mesmo, deve abandonar todos os objetos inanimados, que lhe aparecem no Ser.

43. Eu sou Autoluminoso, não-nascido, um sem um segundo, cognoscível apenas pelos *Jnāna Yogins*, puro, Onisciente, livre de misérias, Tudo-em-tudo, Bem-aventurança e inalterável.

44. Eu sou eterno, a emancipação, de poderes imutáveis, incapaz de ser sentido pelos sentidos, não sujeito à mudança, e infinito. Os sábios, que estudam os Vedas, mantêm-me em mente dia e noite.

45. Assim, aquele que medita no Ser como indiviso sempre, atinge a perfeição, e esse conhecimento imediatamente destrói a ignorância e suas sequelas, assim como um tônico faz com o mal-estar.

46. Sentando em solitude, tendo restringido seus sentidos de seus objetos, e controlado completamente sua mente, com consciência pura, tendo o conhecimento do Supremo como seu objetivo em vista, permanecendo no Ser sem segundo, ele deve meditar sobre o *Para-Brahman*.

47. Tendo dissolvido o universo, iluminado por Deus, no *Ātman*, a causa fundamental de tudo, ele senta satisfeito e feliz e não conhece as coisas fora ou dentro.

48. Antes de entrar em *Samadhi*,¹⁹ o mundo móvel e imóvel deve ser olhado como *Omkāra* que significa o mundo como está claramente indicado nos *Shastras*. A causa deste nascimento é *Avidyā* (nesciência), mas desaparece quando o conhecimento brilha.

49. *Omkāra* (ॐकार) é composto de três letras: 'A' denota *Purusha* ou *Viśva*²⁰, 'U' denota *Taijasa*²¹ e 'M' *Prāñña*²², de acordo com os Vedas. Isto

¹⁹ Perfeita absorção de pensamento no único objeto de meditação, isto é, o Ser Supremo.

²⁰ Divindade de *Jagrat* (estado de vigília).

²¹ Divindade de *Svapna* (sono com sonhos).

²² Divindade de *Sushupti* (sono profundo).

ocorre à mente antes do começo do *Samadhi*, e não depois que o Autoconhecimento ilumina.

50. Deve-se dissolver *Viśva* 'A' em *Taijasa* 'U' e novamente 'U' (*Taijasa*) em *Prāñña* 'M' ('A' em 'U' e 'U' em 'M').

51. Tendo dissolvido *Prāñña* no Espírito supremo, ele deve contemplar 'Eu sou Brahman' – o objeto do conhecimento, livre de engano, o imaculado, o eterno, o Senhor supremo (*Para-Brahman*).

52. Assim, sempre estabelecido no Ser supremo, tendo esquecido suas conexões mundanas, feliz no Ser, evidentemente a forma do Divino prazer, ele atingiu a emancipação e assemelha-se a um oceano vasto e calmo.

53. Aquele que assim continuamente observa o Samādhi desta maneira, e renunciou aos objetos de suas paixões que são seus inimigos e atingiu os seis atributos²³ do *Ātman*, pode sempre ver a Mim.

54. Assim contemplando o Ser dia e noite, o Santo desapegado de todos os apegos deve permanecer sem egoísmo dependente de seu destino (*Prarabdha Karma*). Ele ao final entra em Mim.

55. Tendo acreditado no começo, meio e fim do mundo como uma fonte de medo e tristeza, e renunciando a todas as ações *Sakāma*, ele deve adorar-me como o Espírito supremo que habita em todos os seres.

56. Tendo contemplado o Ser como indiviso, ele então se torna idêntico a Mim assim como água no oceano, leite no leite, ar no ar, e céu no céu.

57. Ao longo de sua permanência entre as pessoas ele olha para isso como uma ilusão, um fato que é corroborado pelos Vedas assim como pela lógica; assim como a lua aparece de formas diferentes para alguns, e

²³ a) Onisciente, b) Perpétuo, c) Eterna gratificação, d) Todo conhecimento, e) Independência, f) Florescimento constante.

também às vezes um erro acontece sobre a verdadeira direção do *Dis* (Espaço).

58. Enquanto ele não vê o Ser em cada objeto, ele deve constantemente adorar o Supremo. Eu sou dia e noite visível ao meu fiel devoto em sua própria consciência.

59. Meu querido! Eu tenho, após determinar, contado a ti os segredos (*rahasyam*) dos Vedas, coletivamente. Os sábios que considerarão e os seguirão, serão libertados do cativeiro imediatamente.

60. Irmão, o mundo que vês não é nada senão uma ilusão. Renuncia a tudo de tua mente, por meio de adorar-Me, deves viver feliz (livre de dor), e com paz de espírito.

61. Quem quer que ocasionalmente adore a Mim sinceramente, com ou sem atributos, ele alcança a Mim; assim como o sol santifica os três mundos, ao tocá-los com a poeira de seus pés.

62. Quem quer que, com fé em Mim e em seu Mestre espiritual, estude atentamente esta filosofia condensada dos Vedas, declarada por mim, que sou Um e cognoscível pela filosofia Vedanta, ele entrará em Mim, de fato se tornará um comigo.

